



Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao Jornal La Prensa Gráfica, de El Salvador

Publicada em 24 de fevereiro de 2010

Jornalista: O que El Salvador pode esperar desta visita do Presidente Lula?

Presidente: El Salvador e Brasil têm relações diplomáticas estáveis e amigáveis desde 1906, mas eu fui o primeiro mandatário brasileiro a visitar o país. Esta é a minha quarta visita a El Salvador desde 2003, quando cheguei à Presidência da República. Venho, agora, dar seguimento aos esforços de aprofundamento e diversificação das relações do Brasil com a América Central. El Salvador é para nós um país estratégico na região. Pretendo reforçar as relações bilaterais e ampliar a cooperação com o governo do Presidente Funes para avançar em atividades conjuntas em matéria de políticas sociais e de combate à pobreza.

Jornalista: Há acordos concretos a serem assinados e executados? Havia-se mencionado a assinatura de um crédito \$500 milhões do Brasil para El Salvador. É assim?

Presidente: É, de fato vamos assinar um acordo de crédito de US\$ 300 entre o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), do Brasil, e o Banco Multissetorial de Investimentos (BMI), de El Salvador. Com tais recursos, queremos apoiar o projeto de renovação da frota de ônibus de El Salvador. Fizemos algo parecido com a Guatemala, onde os primeiros ônibus começaram a chegar em janeiro deste ano.



Vamos assinar acordos na área de saúde – para o desenvolvimento de um sistema nacional de bancos de sangue e hemoderivados em El Salvador – e de desenvolvimento agrário e fortalecimento da agricultura familiar. Ambos projetos tiveram grande êxito no Brasil. Hoje, por exemplo, quase 70% da produção de alimentos no Brasil vêm da agricultura familiar. Estou certo de que essa experiência pode ser aproveitada pelo Presidente Funes. Esta semana, uma delegação do Ministério do Desenvolvimento agrário do Brasil veio a São Salvador para definir os detalhes dessa cooperação. Vamos atuar no apoio alimentar e nutricional, no âmbito do Projeto Escolas Vivas.

Jornalista: O que aconteceu com os projetos de que se havia falado com governos anteriores de El Salvador, como, por exemplo, o de produção de etanol? Não houve resultados?

Presidente: Os projetos assinados com governos anteriores continuam vigentes e avançam bem. Com relação aos biocombustíveis, nossos países vêm trabalhando conjuntamente para incrementar a produção em El Salvador. Creio que El Salvador tem uma vantagem estratégica fundamental: pode exportar para os EUA sem tarifas. Conversei repetidas vezes com o Presidente Obama sobre a importância de se promover os biocombustíveis na América Central. El Salvador é um dos oito beneficiários da cooperação que temos com os EUA nessa área.

Neste momento, os técnicos brasileiros estão avaliando a possibilidade de se construir uma usina de produção de etanol em Usulután, que teria a capacidade de produzir 100 milhões de litros anuais de etanol de cana de açúcar. Igualmente, consideramos [conceder] um crédito para a aquisição de novos equipamentos para a usina El Angel – um dos maiores e mais antigos produtores de açúcar de El Salvador – com vistas a produzir eletricidade a



partir dos dejetos de cana de açúcar e a produzir etanol para o mercado da União Européia.

Jornalista: O Presidente Funes, membros de seu governo e sua comitiva de empresários visitaram o Brasil em setembro passado e houve conversações, além do tema do transporte público, sobre assessoria técnica agrícola e sobre um acordo de associação entre a América Central e o Mercosul. O que aconteceu, desde então, da parte do governo brasileiro para El Salvador?

Presidente: A visita do Presidente Funes ao Brasil, em setembro de 2009, foi muito proveitosa. Cumpriu-se uma intensa agenda de trabalho em Brasília e em São Paulo, entre membros do governo e empresários de cada lado. A Federação das Indústrias de São Paulo (FIESP) organizou um evento para ampliar a interação entre os setores privados dos dois países. Dando seguimento a tal visita, importantes empresas brasileiras vão enviar seus representantes a São Salvador para o seminário empresarial bilateral que realizaremos no dia 26 de fevereiro.

Também vou tratar, com o Presidente Funes, de aspectos do acordo de associação entre a SICA e o Mercosul. Todos ganharemos com uma maior aproximação comercial entre nossas regiões. Novas oportunidades comerciais e de investimentos surgirão. Esta vai ser uma das prioridades do Brasil no segundo semestre de 2010, quando assumimos a Presidência *pro tempore* do Mercosul.

Jornalista: As economias do Brasil e de El Salvador não têm comparação quanto ao tamanho e ao desenvolvimento. O Brasil é uma economia emergente. Portanto, o senhor considera realmente que El Salvador pode ser atraente para os investidores brasileiros, ou é apenas atraente para o governo brasileiro?



Presidente: El Salvador já é atraente para os investidores brasileiros. E poderá ser ainda mais, no futuro. Empresários só vão a eventos empresariais quando vislumbram interesses muito concretos. Mas o que fizemos até agora não é suficiente. Temos que despertar, sobretudo no empresariado brasileiro, a necessidade de se olhar para a América Central e o Caribe. Isso aconteceu com nossos vizinhos sul-americanos. Durante muito tempo, o setor privado no Brasil olhava apenas para a Europa e os EUA, e vivíamos de costas para a América do Sul. Mas tudo isso mudou. Com o Mercosul e a Unasul, tivemos um renovado impulso para a região. Estou seguro de que o mesmo vai acontecer com a América Central e o Caribe.

Outra medida de grande importância para a aproximação de nossos países foi a decisão do Brasil de aderir ao Banco Centro-Americano de Integração Econômica (BCIE), na condição de membro extra-regional. A entrada do Brasil no BCIE facilitará a criação de projetos de desenvolvimento econômico e social que envolvam empresas de ambos países, aproximando o setor privado brasileiro e centro-americano.

Jornalista: O Presidente Funes considera o senhor uma referência. Seu nome esteve no discurso de Mauricio Funes desde a campanha, durante a posse e em reiteradas ocasiões, em intervenções públicas com os meios [de comunicação]. Para o senhor, o que significa, exatamente, ser essa referência?

Presidente: Fico muito lisonjeado com essas referências, especialmente porque sei que se relacionam aos avanços sociais que o Brasil obteve nos últimos anos. Mas quem merece os créditos por tudo de bom que aconteceu no meu país é o povo brasileiro. Os trabalhadores e camponeses que produzem nossa riqueza. Os empresários que geram empregos e que acreditam em nosso país. Os jovens e estudantes que são nosso futuro. Os funcionários de



Estado que formulam e levam adiante as políticas públicas. Os intelectuais e cientistas que produzem idéias, ciência e tecnologia de ponta, indispensáveis para um desenvolvimento pleno e integrado.

Jornalista: Como o senhor vê o atual governo de El Salvador?

Presidente: Conheço o Presidente Funes há muito tempo. Tenho a convicção de que ele tem todas as qualidades para fazer um excelente governo. Como o Brasil, El Salvador precisa de alguém que governe com a razão e com o coração. E o atual governo conta com muita gente preparada tecnicamente e que conhece a fundo as necessidades da sociedade salvadorenha.

Ao tomar posse em meio à maior crise financeira e econômica internacional das últimas décadas, o Presidente Funes atuou de maneira valente e inteligente ao adotar medidas anticíclicas do Plano Global Anticrise. Foi exatamente o que fizemos no Brasil, com resultados muito bons.

Jornalista: O governo do Presidente Funes impulsiona uma reforma fiscal que teve uma dura oposição e questionamentos dos empresários. O senhor recomenda um pacto fiscal com o setor empresarial? Como o Presidente Lula fez para desenvolver uma economia forte, com programas sociais exemplares e com uma dinâmica sólida e produtiva da empresa privada?

Presidente: Não há uma receita que se possa aplicar igualmente em todos os países. Da nossa experiência, o que vale a pena sublinhar é o fato de que, em um país como o Brasil, com uma enorme dívida social, o Estado tem um papel fundamental em reduzir as desigualdades e, para isso, necessita dos fundos que provêm dos impostos. Em muitos países da nossa região, a carga tributária é muito baixa para fazer frente ao desafio de resgate da dívida social. Enganam-se aqueles que acreditam que o mercado o fará por si só. No Brasil,



foi fundamental superar os antigos dogmas que marcaram profundamente as elites políticas e intelectuais. Fomos, por muito tempo, reféns da tese de que o crescimento do bolo era pré-condição para distribuí-lo. Quer dizer, só depois do crescimento econômico poderíamos pensar em políticas sociais e a distribuição de renda. Meu governo desafiou ditos dogmas e comprovou o contrário: que a distribuição da renda gera crescimento, amplia o mercado consumidor e estimula a produção. Vem-se produzindo um círculo virtuoso no Brasil de desenvolvimento econômico e social simultâneos.

Se tivéssemos seguido os preceitos do Consenso de Washington, de redução do papel do Estado, de privatizações generalizadas e desregulamentação da economia, a crise financeira internacional seria catastrófica para nosso país. Como fizemos tudo ao contrário, o Brasil foi o último a entrar e o primeiro a sair da crise.

Jornalista: Atualmente, El Salvador vive uma situação complicada de insegurança. O Brasil e algumas de suas cidades mais importantes, como São Paulo, viveram momentos difíceis com o crime. O que o Brasil fez e o que recomendaria a El Salvador para enfrentar esta situação de insegurança?

Presidente: No Brasil, ainda que a segurança pública esteja sob a responsabilidade dos estados da federação, o Executivo Federal vem desenvolvendo várias medidas para combater a criminalidade. Com o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI), passamos a oferecer 94 ações destinadas ao combate e à prevenção do crime. Uma delas é a que envolve os jovens em atividades esportivas, culturais e de formação profissional. A Secretaria Nacional de Políticas sobre drogas também contribui com a capacitação de 15 mil agentes comunitários de todo o país para atuar na prevenção da criminalidade relacionada ao uso de drogas.



Nas áreas mais carentes e com maiores índices de homicídios, implantamos os chamados “Territórios de Paz”. Com o apoio do Governo Federal, forças de segurança de nossos estados, especialmente treinadas, atuam nas comunidades e ali permanecem enquanto desenvolvem ações sociais. As cifras de violência se reduziram nos estados nos quais o PRONASCI foi aplicado. O Brasil está disponível para prestar a El Salvador todo o apoio necessário para conhecer melhor e implementar essas iniciativas.

Jornalista: Falando de América Central, gostaria de saber se o Brasil reconhecerá o novo governo de Honduras, do Presidente Porfírio Lobo. Sim ou não, por que?

Presidente: O Brasil bate o pé em seu compromisso com a democracia. E o que aconteceu em Honduras foi um golpe de estado um Presidente eleito democraticamente. Estabeleceu-se um péssimo precedente para América Central e para toda a América Latina. Não podemos tolerar rupturas da ordem constitucional.

O desafio para Honduras continua sendo o da reconciliação nacional. Estamos conversando com outros países da região, com vistas a definir uma posição comum e consistente com o tema. O governo do Presidente Lobo tem, entretanto, que dar passos concretos, que permitam a plena reintegração do Presidente Zelaya na vida política de Honduras, sua volta ao país e sua anistia, além de iniciativas que impeçam a repetição dos trágicos acontecimentos que desencadearam no golpe.

Jornalista: Falando um pouco sobre o Brasil. Faltam poucos meses para as eleições presidenciais e a candidata do PT, Dilma Rousseff, que por sua vez é a pessoa que o senhor apóia, não tem a mesma popularidade que o senhor. Não teme que aconteça o mesmo que aconteceu com a Presidente Michelle



Bachelet – mesmo sendo das mais populares, seu candidato não pôde ganhar as eleições passadas.

Presidente: Não tenho nenhum temor a esse respeito. Não se pode trasladar situações de um país para outro de forma mecânica. Chile e Brasil são duas democracias, mas que têm suas especificidades. Além disso, a solidez da candidatura de Dilma Rousseff não está no apoio que eu possa dar, mas porque é a candidatura do Partido dos Trabalhadores, um partido com trinta anos de luta a favor do povo, com grande capilaridade social e de alcance nacional. Ademais, Dilma será a candidata de uma ampla coalizão política, formada por partidos fortes de esquerda e de centro, que reúnem um grande número de deputados, senadores e governadores. Estou tranquilo e tenho muita confiança de que Dilma vencerá as eleições.

(\$31DHKM)